



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Nuno Jorge Jesus Monteiro

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA E. B.
2/3 DA MEALHADA JUNTO DA TURMA DO 9ºA NO ANO LETIVO DE 2013/2014**

COIMBRA
2014

Nuno Jorge Jesus Monteiro
2009126357

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA E. B.
2,3 DA MEALHADA JUNTO DA TURMA DO 9ºA NO ANO LETIVO DE 2013/2014**

Relatório de Estágio apresentado à
Faculdade de Ciências do Desporto e
Educação Física da Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau de
mestre em Ensino da Educação Física
nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Raul Martins

COIMBRA
2014

Monteiro, N. J. J. (2014). *Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola E. B. 2,3 da Mealhada junto da turma do 9ºA no ano letivo de 2013/2014*. Relatório de Estágio Pedagógico, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS

Aproveito esta oportunidade para agradecer a todos os que me ajudaram, de forma direta ou indireta, na realização desta minha etapa e conseqüentemente deste documento. Mesmo não sendo possível determinar a importância que estas pessoas tiveram nas várias fases da elaboração deste relatório, gostaria de mencionar algumas palavras de agradecimento, sem qualquer tipo de hierarquia.

Ao professor João Miguel Faria por todo o trabalho de orientação, compreensão, disponibilidade para todo o tipo de situações inerentes ao processo de estágio, partilha de experiências e conhecimentos.

Ao Professor Raul Martins pela sua compreensão, disponibilidade em ajudar, por todas as sugestões e conselhos pertinentes que me facultou.

Aos meus colegas do núcleo de estágio, Sérgio Guelho, Daniel Sousa e João Cardoso, pela cooperação, compreensão, amizade, sugestões, momentos de grande trabalho e outros de boa disposição ao longo deste ano letivo.

A toda a minha família, sobretudo à minha mulher, por todo o incentivo e apoio que me deram ao longo destes anos, que foram sem dúvida um dos meus grandes suportes neste meu percurso, nesta minha grande experiência de vida.

Aos meus colaboradores e amigos que de algum modo tiveram influência no decorrer de todo este processo, um grande obrigado.

A todos os que, direta ou indiretamente, fizeram parte deste meu processo de aprendizagem, um grande bem-haja e muito obrigado.

RESUMO

O presente documento surge com o intuito de relatar a minha experiência, enquanto professor estagiário, durante este ano letivo destinado ao Estágio Pedagógico, inserido no âmbito do 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. O Estágio Pedagógico é assim considerado o fim de uma etapa e o início de outra grande etapa na vida de um “eterno” estudante. Surge como o culminar de cinco anos de estudo, onde tive a oportunidade de aplicar na prática muitos dos conhecimentos adquiridos, num contexto real, através da atividade de docente em contexto curricular. Este foi mais um passo no consolidar de toda uma formação que se pretende contínua, reflexiva, na dimensão profissional e pessoal. Neste relatório apresento diversas experiências que me acompanharam ao longo de um ano letivo como professor estagiário de Educação Física. Através de um processo reflexivo e crítico, apresento aquelas que foram as minhas dificuldades, ansiedades, dúvidas e preocupações, mas também estratégias, recursos e soluções presentes no desenvolvimento profissional que caracterizou a minha intervenção nas diversas áreas de desempenho. No final deste trabalho será ainda feita a análise do estudo referente à surdez profunda.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico. Educação Física. Professor. Reflexão. Surdez profunda.

ABSTRACT

This document is aiming to report my experience as a student teacher for this school year for the Teacher practice, inserted under the 2nd Cycle in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education, on the Faculty of Sports Sciences and Physical Education at the University of Coimbra. The Teacher practice is then regarded as the end of one stage and the beginning of another great step in the life of an "eternal" student. It is the culmination of five years of study, where I had the opportunity to put into practice many of the acquired knowledge in a real context, through the activity of teaching in curricular context. This was another step in the consolidation of an entire training intended to be continuous, reflective, in the professional and personal dimension. In this report I present several experiments that accompanied me throughout a school year as a student teacher in Physical Education. Through a reflective and critical process, I present my difficulties, anxieties, doubts and concerns, but also strategies, resources and solutions present in the professional development that characterized my remarks in various areas of performance. At the end of this work it will be also done the study analysis of profound deafness.

Keywords: Teacher Practice. Physical Education. Teacher. Reflection. Profound deafness.

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	IV
2. ABSTRACT	V
3. INTRODUÇÃO	1
4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA.....	3
5. ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	8
6. APROFUNDAMENTO DO TEMA – A SURDEZ PROFUNDA.....	31
7. CONCLUSÃO E PERSPETIVAS FUTURAS.....	39
8. BIBLIOGRAFA	41

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	3
2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	3
2.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	4
2.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA	4
2.4. PERCURSOS E EXPECTATIVAS	6
3. ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	8
3.1. ATIVIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	8
3.1.1. CONCEÇÃO	8
3.1.2. PLANEAMENTO.....	10
3.1.3. REALIZAÇÃO.....	14
3.1.4. AVALIAÇÃO.....	17
3.2. DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL.....	21
3.2.1. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL	21
3.2.2. APRENDIZAGENS REALIZADAS COMO ESTAGIÁRIO	22
3.2.3. CONCLUSÕES REFERENTES À EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO	26
3.2.4.1. IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO	28
3.2.4.2. NECESSIDADES DE FORMAÇÕES CONTÍNUAS.....	29
4. APROFUNDAMENTO DO TEMA – A SURDEZ PROFUNDA	31
5. CONCLUSÃO E PERSPETIVAS FUTURAS	39
BIBLIOGRAFIA	41

Nuno Jorge Jesus Monteiro, aluno nº 2009126357 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido das alíneas do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

1. INTRODUÇÃO

O presente documento surge no âmbito da unidade curricular Estágio Pedagógico, integrada no 2º ano de estudos do 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

O Estágio Pedagógico desenvolveu-se na Escola do Ensino Básico do 2º e 3º ciclo da Mealhada sob a orientação de dois professores, o Professor Miguel Faria, pertencente a essa mesma escola e o Professor Raul Martins, pertencente à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

A realização deste relatório tem como objetivos principais a descrição e reflexão da minha atividade no âmbito do Estágio Pedagógico, incidindo, a vertente prática, e as aprendizagens nesta experiência de vida.

Segundo Daresh (1990, cit. Por Caires & Almeida, 2000, p. 221 e 222) são vários os objetivos inerentes ao estágio: “a aplicação das competências e conhecimentos adquiridos ao longo do curso a um contexto prático; o alargamento do repertório de competências e conhecimentos do aluno através da sua participação numa série de experiências práticas; o ensaio de um compromisso com uma carreira profissional; a identificação das áreas (pessoais e profissionais) mais fortes e aquelas que necessitam de algum aperfeiçoamento; ou, ainda, o desenvolvimento de uma visão mais realista do Mundo Profissional em termos daquilo que lhe é exigido e que oportunidades lhe poderá oferecer”.

A evolução enquanto professor estagiário, reflete o meu percurso em funções docentes ao longo do respetivo ano letivo, que tem como origem a elaboração do Plano Individual de Formação e o seu culminar este relatório.

Os acontecimentos relevantes que me foram proporcionados e pelos quais me esforcei para que fosse possível serem concretizados, decorrentes da minha ação enquanto professor estagiário, serão alvo de uma grande reflexão, que pretende esmiuçar o que decorreu de forma positiva e o que poderá ainda ser alvo de aperfeiçoamento, de forma a garantir um exercício ainda mais eficaz das minhas funções enquanto docente, que espero que possam ocorrer em breve.

Este último ano não deixa de ser mais um ano de formação acadêmica, durante o qual existe a possibilidade de aplicar, ajustar e transformar a teoria em prática. Assim, o estágio apresentou-se, para mim, como uma tarefa complexa, trabalhosa, fatigante e que exigiu grande parte do meu tempo diário, com a agravante de ser trabalhador estudante. Uma das grandes motivações para o concretizar passou por, acima de tudo, querer muito dar este passo na minha vida e na minha formação, podendo falar-se de realização pessoal.

Apesar de ter a consciência da enorme dificuldade existente em passar para o papel todos os momentos e sensações que este ano letivo me proporcionou, tentarei analisar, refletir e focar-me nos pontos mais relevantes. Para tal, irei sustentar-me na reflexão, a qual esteve sempre presente, do início ao fim de todo este percurso acadêmico. A reflexão é atualmente um elemento chave para a formação, desenvolvimento pessoal e para todo o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

É fundamental e de extrema importância o conhecimento de todos os recursos espaciais existentes, os quais poderemos usufruir ao longo deste estágio e que iria estar na base das nossas planificações. Esta caracterização foi também importante para adequar o estabelecido pelos programas desenvolvidos pelo Ministério da Educação à realidade desta escola em particular. Uma minuciosa e atenciosa caracterização era assim um dos primeiros passos deste núcleo de estágio para a planificação e posterior realização do Estágio Pedagógico.

Atualmente a escola encontra-se preparada para acolher 19 turmas do 2º e 3º ciclo em regime normal de funcionamento. Esta encontra-se em estado agradável e é constituída por um pavilhão gimnodesportivo, 4 blocos (A, B, C e D) e um refeitório, sendo que o bloco B e C estão apenas destinados a salas de aula.

Para a lecionação da disciplina de Educação Física estão disponíveis dois espaços, sendo estes o espaço exterior e o espaço interior (pavilhão gimnodesportivo). Dentro do pavilhão existe uma arrecadação de material desportivo, um gabinete de auxiliares de ensino, um gabinete do Grupo Disciplinar de Educação Física e dois balneários (um masculino e outro feminino), ambos com zona para duche. O pavilhão está equipado com seis tabelas de Basquetebol, duas balizas com redes, uma parede de Escalada e marcações oficiais de Basquetebol, Andebol, Futebol, Badmínton e Ténis. Estão, para além destas, disponíveis marcações de campos pequenos de Basquetebol (3) e Voleibol (2). Quanto ao espaço exterior, a escola dispõe de dois campos, contendo cada um deles duas balizas com redes, quatro tabelas de Basquetebol (dois campos) e marcações oficiais para Futebol, Andebol e Voleibol. A escola está ainda equipada com uma caixa de saltos, um espaço para minigolfe, uma caixa para o lançamento do peso e um corredor de 60 metros devidamente pavimentado onde são realizadas as provas de velocidade e de barreiras.

2.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO DISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O conhecimento do Grupo Disciplinar de Educação Física e sua composição foi sem dúvida uma ferramenta útil, na medida em que numa fase inicial de adaptação à escola e da nossa inclusão como novos elementos do grupo docente, permitiu-nos uma melhor integração.

O Grupo Disciplinar de Educação Física das três escolas do Agrupamento de Escolas da Mealhada, nomeadamente, Escola E.B 2,3 da Pampilhosa, Escola E.B nº2 da Mealhada e a Escola Secundária da Mealhada. A Coordenadora é a Dr.ª Leonor de Melo Gomes e os professores constituintes são todos os professores de Educação Física constituintes nestas instituições, incluindo a Coordenadora e os quatro professores Estagiários. Assim, no total das três escolas o Grupo Disciplinar de Educação Física é constituído por 11 professores:

Escola Secundária da Mealhada:

Professor Luís Lima, Professora Leonor Gomes, Professora Carla Borges e o Professor Bruno Domingos.

Escola E.B nº 2 da Mealhada:

Professora Elisa Alves, Professoras Matilde Fonseca, Professor Miguel Faria, Professor José Neves, Professor Mário Rui e Professor Bruno Domingos.

Escola E.B 2,3 da Pampilhosa:

Professora Ana, Professor Joaquim Rocha e Professora Matilde Fonseca.

2.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A turma do 9ºA foi uma realidade concreta na materialização desta experiência e merece ser alvo de uma descrição e análise. Assim, considero que foi de extrema

importância ter um bom conhecimento geral de todos os alunos que constituíam esta turma, na medida em que me forneceu uma base mais sólida para a identificação das necessidades, dificuldades e problemas dos alunos, com vista à melhoria do processo de ensino-aprendizagem. A análise da turma foi um instrumento precioso na busca de estratégias de intervenção adequadas à situação real dos alunos, indo ao encontro das suas necessidades individuais e tirando o máximo proveito das características de alguns alunos ou do grupo em geral.

A descrição desta turma foi realizada de acordo com os dados recolhidos através de um questionário elaborado pelo núcleo de estágio de Educação Física e de um questionário da Diretora de Turma, com o propósito de obter o máximo de informações pertinentes para uma correta caracterização dos alunos e da turma, que se tornou claramente numa ferramenta fulcral em todo o processo de ensino-aprendizagem decorrente ao longo do ano letivo.

A turma é composta por vinte alunos, sendo doze alunos do género feminino e oito do género masculino. Dois dos alunos da turma estavam referenciados com NEE (necessidades educativas especiais), um com dislexia nervosa e outro com surdez neurossensorial bilateral profunda.

As idades dos alunos oscilavam entre os treze e os dezasseis anos de idade, sendo a média de catorze. Relativamente ao seu percurso escolar, quatro deles apresentavam retenções. Em relação a problemas de saúde, pude observar que quatro dos vinte alunos da turma apresentavam problemas de saúde que poderiam interferir diretamente no seu desempenho nas aulas de Educação Física. As patologias identificadas foram: anemia (1), asma (1), dislexia nervosa (1) surdez neurossensorial bilateral profunda (1). No que diz respeito a alunos federados, nesta turma dois deles praticavam Futebol no Grupo Desportivo da Mealhada e um no Futebol Clube da Pampilhosa com três treinos semanais. Havia ainda um outro aluno que praticava Hóquei em Patins no Hóquei Clube da Mealhada. Numa análise global das matérias, pude observar que os alunos, na sua maioria, não gostaram da abordagem à Ginástica (de solo e de aparelhos) em anos anteriores, tendo o sido o Badminton, a Dança e a Acrobática as matérias que estes mais gostaram. Entre as matérias abordadas em anos anteriores, é importante realçar o facto de nenhum aluno ter abordado as matérias de Ténis e Lançamentos. Pude concluir também que todos os alunos realizavam as horas necessárias de sono diárias, estando a média

nas 8 horas. As respostas em relação às matérias alternativas que estes gostariam de abordar nas aulas de Educação Física centraram-se na Escalada, onde três alunos responderam positivamente. Em relação à alimentação, para concluir a análise, todos eles mantêm uma alimentação entre períodos regulares, onde todos têm como refeições mínimas o pequeno-almoço, o almoço e o jantar.

Estes foram alguns dos dados recolhidos sobre a turma no início do ano letivo e que foram bastante úteis na relação diária com os alunos ao longo de todo o ano letivo. Estas informações que aqui se descreveram de forma simples foram tidas em conta em toda a planificação que decorreu ao longo de todo o ano letivo.

2.4. PERCURSOS E EXPECTATIVAS

Desde sempre que a relação com o desporto faz parte da minha vida. A prática de várias matérias como Futebol, Ginásio ou Ténis foram uma realidade constante ao longo de vários anos. O seu término teve como fator, para além de outros, o meu ingresso no Ensino Superior e o início da minha vida profissional. Ao longo do meu percurso escolar, a disciplina de Educação Física sempre foi a minha disciplina de eleição. A opção por seguir os meus estudos no curso de Desporto deve-se a esse mesmo facto, mesmo que o meu primeiro curso superior tenha sido Organização e Gestão de Empresas, mas o sonho da Educação Física só ficou adiado. Deste modo, verifiquei que ao ingressar neste curso, teria uma base teórica e prática que me permitiria, posteriormente, enveredar por uma série de áreas, todas elas relacionadas com a atividade física e exercício físico. Assim, e ainda no decorrer da Licenciatura, pelas experiências que pude passar, tomei a opção de ser professor. Terminar a Licenciatura e realizar o Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário seria a minha primeira prioridade, mesmo o mais lógico ter sido a vertente do treino visto ser proprietário de um Ginásio. O gosto de poder ensinar algo a outras pessoas, e de igual modo, influenciá-las e incentivá-las para a prática regular de atividade física, consciencializando-as dos seus inúmeros benefícios foi determinante nesta minha opção.

O Estágio Pedagógico, que me proporcionou a experiência de lecionar num contexto curricular pela primeira vez, tornou-se uma das etapas mais marcantes no meu percurso escolar, uma lição de vida.

A ansiedade e algum nervosismo foram sentimentos muito presentes ao longo do início deste estágio. A necessidade de interação permanente com os alunos para que estes possam ser capazes de corresponder às nossas expectativas, a necessidade de estudos aprofundados em todos os domínios do processo de ensino-aprendizagem e a falta de experiência com alunos de idades muito superiores às que habitualmente leciono foram fatores determinantes para o surgimento destes sentimentos. Esta etapa era uma realidade muito diferente da que estava habituado. Estava claramente fora da minha zona de conforto nesta fase inicial, contudo, a certeza que sempre tive presente foi a de que esta etapa seria uma das mais enriquecedoras da minha formação profissional e pessoal. Assim, neste contacto com a realidade do ensino, a vontade e determinação de encarar esta etapa como o aperfeiçoamento das minhas capacidades enquanto professor era muito grande mas o início deste estágio, pela necessidade de entrega quase total, foi muito complicado, levando-me mesmo a pensar em desistir.

A ideia de que o Estágio Pedagógico é uma fase para a aplicação dos conhecimentos teóricos é, de certa forma, uma ideia discutível. A interação com todos os agentes da comunidade escolar e todas as variáveis que estão relacionadas com a prática da lecionação, são fatores suficientes para se poder transformar, e não, adaptar, todo o conhecimento teórico na prática do dia-a-dia. Assim, é importante, um ajuste à nossa realidade dos conhecimentos em função dos alunos com que nos deparamos naquele contexto.

3. ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1. ATIVIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

No âmbito do trabalho realizado nesta dimensão, a qual exigiu muita dedicação e pesquisa, foram feitas profundas reflexões que me obrigaram a transformar e ajustar tudo o que havia sido aprendido durante os anos anteriores de formação académica para a realidade que me estava a deparar. Para isso, foram fundamentais e de extrema relevância as reuniões com o professor orientador, pois permitiram alterar, melhorar, experimentar e delinear estratégias de promoção do sucesso no processo de ensino-aprendizagem, que era o principal objetivo a conseguir. Para que este processo fosse mais eficaz e produtivo, foi necessário saber quais os conteúdos a ensinar aos alunos, reconhecendo a necessidade de adaptar esses mesmos às características específicas dos mesmos. As questões relacionadas com o que ensinar e a forma de ensinar fizeram-me perceber a vantagem de já possuir uma bagagem com diferentes tipos de conhecimento referentes aos conteúdos curriculares e pedagógicos. Segundo Ramos, Graça & Nascimento (2008, pp. 161-171) o conhecimento curricular “compreende a entidade currículo como o conjunto de programas elaborados para o ensino de assuntos e tópicos específicos” e o conhecimento pedagógico é entendido como o “modo de formular e apresentar o conteúdo, de forma a torna-lo compreensível para os alunos”.

Esta dimensão é constituída por quatro etapas distintas, sendo elas a conceção, planeamento, realização e avaliação do ensino.

3.1.1. CONCEÇÃO

A conceção é a primeira de todas as tarefas do professor no âmbito da organização e gestão do ensino e da aprendizagem. É nesta fase que se processa a

análise dos planos curriculares, dos programas de Educação Física, as suas finalidades, objetivos, conteúdos e indicações metodológicas. Considerando este estudo e análise, somos “convidados” a utilizar os saberes da Educação Física necessários aos vários níveis de planeamento e construir decisões que promovam o desenvolvimento e aprendizagem desejáveis junto da turma, tendo sempre em atenção o contexto cultural e social da escola e dos alunos.

No início deste estágio existiam bastantes dúvidas, incertezas e preocupações, mas ao mesmo tempo sentia uma grande curiosidade relativa à forma e ao modo de funcionamento desta nova realidade. O facto de estar responsável pela conceção de um projeto de ensino-aprendizagem para uma turma com alunos desde os treze aos dezasseis anos de idade, aliado à falta de experiência na lecionação em contexto curricular, fazia com que estas sensações se manifestassem.

Com a colaboração e ajuda preciosa do professor orientador, aquilo que parecia algo de muito complexo começou a simplificar-se imenso. Esta ajuda foi fundamental e extremamente motivante para cada vez mais ficar confiante no processo de ensino-aprendizagem. Em conjunto refletíamos acerca das melhores estratégias, estilos de ensino a adotar em cada situação e formas de resolução de problemas que iam aparecendo com o decorrer das aulas, tanto nas nossas como nas dos nossos colegas de estágio. Para complementar as conclusões de cada reunião com o orientador e atendendo ao facto das dificuldades patentes, no início do ano letivo realizei uma pesquisa, principalmente nos programas de Educação Física e também em alguns manuais escolares. Após estas leituras, e confirmando os conhecimentos que pude adquirir ao longo da minha formação académica, constata-se que muitas das vezes nem sempre a teoria se adequa às realidades da prática. As especificidades de cada escola e o seu contexto são, muitas das vezes, barreiras à execução dos programas emanados pelo Ministério da Educação. O nível de conhecimento que os alunos possuem de anos anteriores pode não ser o mais adequado à concretização dos objetivos de ensino preconizado pelo Ministério da Educação. No entanto, para que o ensino seja coerente e ajustado, o papel do professor é passar da teoria dos programas nacionais de Educação Física para a prática, visto que cabe a este, segundo Gonçalves & Carvalho (2009, p. 1), “examinar, interpretar e agir em concordância com eles, adaptando-os às condições da escola e recursos da comunidade, num projeto que vá ao encontro dos alunos”.

Tendo em conta estas premissas, e para uma conceção mais real, uma caracterização da turma e da escola aliada aos documentos anteriormente referidos, ajudaram e foram fundamentais na construção de várias decisões que promovessem o desenvolvimento e a aprendizagem desejáveis.

3.1.2. PLANEAMENTO

Para a concretização do planeamento é importante referir que a fase anterior, a conceção, foi de extrema importância.

Existiu uma fase de planeamento, esta foi dividida em três diferentes vertentes. Importa salientar no entanto que estas estavam interligadas e subjacentes. As três vertentes são o planeamento anual, o planeamento das unidades didáticas e o planeamento de aula.

Na fase do planeamento, dei maior relevância a programar e estruturar, de forma ajustada e contextualizada, de modo a que existisse uma evolução dos alunos e minha.

Procurando este ajustamento, a análise de diferentes documentos realizados por mim e pelo grupo de Educação Física foram relevantes para poder definir uma linha orientadora. Deste modo, a análise destes documentos, em conjunto com uma caracterização da turma, da escola e do meio envolvente a esta, demonstraram ser fulcrais para, a partir do programa da disciplina adequar os conteúdos à realidade, bem como para estabelecer algumas regras e rotinas de funcionamento das aulas a lecionar.

Estes últimos aspetos revelaram-se de extrema importância, sobretudo no momento em que se realizaram os planos de aula. Esta turma ofereceu, desde o início do ano letivo, uma informação positiva relativamente ao comportamento. No entanto, os meus objetivos com o passar do tempo passaram por tentar transformar alguns comportamentos e atitudes menos adequados em algo aceitável para o bom decorrer das aulas, evitando assim que estes piorassem no seu comportamento e atitudes. Consequentemente, a cada plano de aula, para além de tentar conjugar todo o meu saber teórico e toda a minha formação académica na preparação dos

exercícios e tentar cumprir com os objetivos propostos, tentava também planejar as aulas para que os comportamentos inadequados não surgissem por parte de alguns alunos já referenciados por mim. Para isso utilizava estratégias contempladas no planeamento de cada aula e Unidade Didática, em que separava esses alunos distribuindo-os em grupos diferentes, incluídos com alunos que trabalhavam de forma interessada e empenhada nas aulas. Essa foi uma das estratégias mais utilizadas por mim e a que veio revelar-se com um maior nível de sucesso.

Depois de uma primeira fase de avaliação dos alunos, entendida por avaliação diagnóstica ou inicial, realizada nas três primeiras semanas do ano letivo, pude ter uma base sustentável do que cada aluno era capaz de realizar em cada matéria. Após essa avaliação, e antes de uma primeira abordagem em cada matéria, era elaborada uma Unidade Didática onde foram considerados os desempenhos demonstrados pelos alunos, tendo como base a avaliação diagnóstica. De acordo com o nível de desempenho individual e da generalidade da turma em cada matéria, foram escolhidos um conjunto de conteúdos e estratégias e definidos objetivos a alcançar por parte dos alunos. Este planeamento teve sempre em atenção a realidade presente na turma, a capacidade dos alunos e o que poderiam atingir no momento da avaliação final. A elaboração deste documento simplificou bastante o planeamento das diversas matérias e lecionar, assim como o processo de decisão dos conteúdos a transmitir à turma.

Este planeamento tinha como principal objetivo o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, tinha sempre em consideração as características específicas dos alunos, as quais tentei detetar e observar através da análise das caracterizações individuais de cada aluno e da turma no geral, tendo sempre como linha orientadora os dados obtidos na avaliação diagnóstica. Além disso, a reunião de Conselho de Turma, na qual estavam presentes os professores do presente ano letivo, revelou-se fundamental na aquisição de conhecimentos da turma e de cada um dos alunos referentes a anos transatos.

Todo este processo revelou um contexto novo para mim mas motivador. Naquela altura só pensava em ter uma turma de comportamento razoável, motivada, empenhada e que me permitisse ter um percurso neste estágio mais “facilitado”. As aulas teriam então que ser planeadas com estratégias que permitissem a atenção, motivação e empenho por parte dos alunos. Não foi uma tarefa fácil. No entanto é

aqui que os estilos de ensino ganham muita relevância. Segundo Mosston (1988), existem vários estilos de ensino, dos quais se destacam o ensino por comando, o ensino baseado na tarefa, o ensino recíproco, constituição de pequenos grupos, programa individual, descoberta guiada e resolução de problemas. Como existem vários estilos, pessoalmente não me enquadrei num só. Com o decorrer do estágio fui utilizando de forma consciente diferentes estilos de ensino, mas sobretudo o estilo de ensino por comando, tarefa e a descoberta guiada. O ensino por comando foi o que mais utilizei para manter ao comportamento dos alunos o mais controlado possível. Segundo Mosston e Ashworth (1986, p. 12), o estilo de ensino por comando caracteriza-se por o “professor tomar todas as decisões” e por existir uma “direta e imediata relação entre o estímulo do professor e a resposta do aluno”, ou seja, após a transmissão da informação o aluno tende a reproduzir o que o professor pretende e/ou demonstra, o que se torna mais fácil conduzir a turma até onde se pretende. Algumas vezes, normalmente nas primeiras aulas de abordagem a uma nova matéria, utilizei o estilo de ensino por descoberta guiada, que segundo Mosston e Ashworth (1986, p. 170), exige uma “relação professor-aluno na qual uma sequência de questões do professor traz um conjunto correspondente de respostas por parte do aluno”, isto é “cada pergunta do professor provoca uma correta resposta descoberta pelo aluno”. Aqui, recorria à utilização de auxiliares gráficos que continham a imagem do gesto técnico por fases, descrevendo em cada fase as componentes críticas mais importantes (sobretudo na Acrobática e na Dança). Com isso conseguia que os alunos demonstrassem mais interesse, motivação e procura pelo sucesso nas tarefas propostas. Para tal, organizava os alunos em pares e um aluno ia corrigindo o outro seguindo as orientações do auxiliar gráfico. Isso acontecia somente quando tinha na aula duas tarefas principais e a turma dividia em dois grupos, exigindo alguma autonomia da parte dos alunos. Assim sendo, enquanto uma parte da turma trabalhava sob a minha observação, a outra trabalhava de forma mais autónoma. Pela experiência que tive, esta estratégia com o ensino por descoberta guiada apenas funciona nas primeiras aulas, porque é uma novidade para os alunos, nos grupos em que não tem problemas de autonomia e dominam a matéria. Quero com isto dizer que com a repetição, na mesma matéria, da utilização de auxiliares gráficos semelhantes, leva a um progressivo decréscimo de empenhamento e motivação dos alunos na tarefa proposta.

Em reunião com o orientador, logo no primeiro dia do início do Estágio Pedagógico, foi elaborado um plano de aula base para o núcleo de estágio. Este contemplava as suas 3 partes: a parte inicial, onde estavam inseridas as instruções iniciais à turma e as tarefas de ativação funcional para a aula; a parte fundamental, que seria a fase do planeamento do plano de aula onde eram realizados os exercícios que visavam o cumprimento do objetivo da aula; e a parte final, onde estavam inseridos os exercícios de retorno à calma e o balanço final da mesma. Para além do tempo total destinado a cada parte da aula, era tarefa obrigatória planear o tempo utilizado em cada exercício. Para cada um deles teriam que ser discriminados os estilos de ensino, as tarefas de ensino e a sua organização. Para além disso, era necessário planear quais os seus objetivos e critérios de êxito, tanto para os alunos como para o professor.

Todas estas fases de planeamento e das tarefas que lhe estavam necessariamente inerentes, permitiram-me ter uma bagagem suficiente para, pelo menos, encarar as aulas de forma mais confiante e preparado para progredir nas matérias.

No planeamento de aula, privilegiei quase sempre o trabalho por grupos de nível. Assim, e referindo-me mais às matérias coletivas, utilizava uma sequência lógica de exercícios critério, terminando sempre em situação de jogo. No entanto, e refletindo um pouco sobre os resultados que obtive, uma realização mais prolongada da situação de jogo, talvez em detrimento de alguns exercícios critério, tivesse sido uma mais-valia para os alunos. Isto porque se observarmos com atenção, podemos concluir que os problemas e as situações mais complicadas aparecem aos alunos durante a situação de jogo formal, não existindo assim uma melhor exercitação senão a realização do mesmo jogo. Este será sem dúvida um ponto interessantíssimo a explorar em oportunidades futuras.

3.1.3. REALIZAÇÃO

A realização do processo de ensino e aprendizagem apresenta-se logo a seguir ao planeamento. É nesta fase que se transporta para a prática tudo aquilo que foi pensado e planeado de acordo com as conceções presentes no sistema educativo.

O objetivo nesta fase do processo é conduzir com eficácia a realização da prática letiva, atuando de acordo com as tarefas didáticas e tendo em conta as diferentes dimensões da intervenção pedagógica. É pertinente o recurso a mecanismos de diferenciação pedagógica adequados à diversidade dos alunos, dado que cada vez mais a multiculturalidade e o ensino inclusivo são uma presença assídua nas atuais turmas escolares. A promoção de aprendizagens significativas e o desenvolvimento de competência nos alunos encontra-se também presente como meta a atingir na realização da prática pedagógica. Para além da cultura desportiva que importa transmitir na aula de Educação Física, torna-se também imprescindível formar cidadãos autónomos, competentes e conscientes, capazes de se afirmarem na sociedade atual. Outra condição para a realização de uma prática letiva com a qualidade adequada passa por utilizar uma terminologia específica da disciplina e adequada às diferentes situações proporcionadas em cada momento de aula.

É papel e função do professor, envolver os alunos de forma ativa e motivante no processo de aprendizagem fazendo uma boa gestão da aula, mantendo a disciplina e a ordem de forma a otimizar o máximo possível o tempo potencial de aprendizagem dos alunos.

A primeira aula do ano letivo revestia-se de uma grande importância para o futuro funcionamento da disciplina e do ano. Desde o início que pretendia marcar a minha posição, passar para os meus alunos as regras e o funcionamento da disciplina de Educação Física. A meu ver, era importante incrementar um conjunto de rotinas essenciais desde a primeira aula para que os objetivos fossem mais facilmente cumpridos.

Chegou o momento da primeira aula e estava curioso por conhecer os alunos que compunham a minha turma. Em conjunto com o orientador, transmitimos os objetivos da disciplina, a forma como iriam decorrer as aulas e alertámos os alunos acerca do regulamento da disciplina, indicando o tempo útil de aula que teriam

disponível para o banho e outras questões como os atestados médicos, justificação de faltas e faltas de atraso sucessivas.

A aula seguinte à apresentação seria a primeira aula em que iria estar autonomamente com a minha turma e responsabilizado por toda a sua estruturação e realização. Esta aula teve um teor prático e permitiu perceber um pouco das dúvidas, dificuldades e aspetos que teria de melhorar, iniciando-se a importantíssima fase da lecionação, da reflexão e introspeção que me permite afirmar que é possível aprender, evoluir e que existem sempre pormenores que podem e devem ser melhorados. Percebo que quantas mais aulas dava mais aprendia e melhorava a lecionação.

Com o decorrer do ano letivo fui corrigindo de forma progressiva muitos dos problemas que apresentava no início. Estas evoluções estavam mais relacionadas com a escolha de exercícios tendo em conta os diferentes níveis de desempenho dos alunos da turma, a qualidade da instrução, a frequência e qualidade de *feedback*. As observação de aulas dos colegas do núcleo de estágio e do próprio orientador permitiram-me evoluir e detetar os aspetos a corrigir. Quando não temos o papel preponderante de “ator principal”, ou seja, estamos do lado de fora e a pressão de o desempenhar, conseguimos nos focar mais na melhoria da nossa prestação. A nossa aula seguinte melhora sempre com as observações anteriores. Os comportamentos como a demonstração, maior controlo da turma e quantidade e qualidade de *feedback*, puderam, de forma progressiva ser melhorados com o decorrer do ano letivo. Corrigir no momento certo torna-se crucial no desenvolvimento das capacidades dos alunos. Para combater algumas das dificuldades que me iam surgindo ao longo de cada aula, apoiei-me nas conclusões de cada reunião do núcleo de estágio com o orientador, onde analisamos a aula que foi dada. Após a realização de cada aula, uma reflexão consciente, com a ajuda dos elementos do núcleo de estágio e do orientador, levou-me a perceber o que de menos bom foi realizado e a pensar em soluções para melhorar da próxima vez. De acordo com Bento (2003, p. 190), “a reflexão posterior sobre a aula constitui a base para um reajustamento na planificação das próximas aulas, uma vez que proporciona uma definição mais exata do nível de partida e procede a balanços que devem ser tomados em conta na futura planificação e organização do ensino”.

Com o decorrer das aulas, ia conhecendo a turma e interpretando os seus desempenhos e atitudes, adequando também toda a planificação necessária ao processo de aprendizagem dos alunos de forma a suprimir as suas lacunas.

É fundamental, numa boa aula de Educação Física, entre outras características, os alunos estarem bastante tempo em atividade motora. A aula tem que ser bem organizada, dinâmica e sem grandes tempos de espera. São fundamentos essenciais para o sucesso do processo ensino e aprendizagem. Nas aulas de matérias coletivas, com a divisão da turma por grupos de nível e a seleção de exercícios que potenciassessem o aumento do tempo de empenhamento motor, esse objetivo foi sendo consolidado. Os exercícios eram também planeados tendo em conta o material e espaço disponível e para a transição entre eles ocorrer de forma o mais breve possível. A manutenção dos grupos de trabalho e uso de variantes em determinados exercícios sempre fizeram com que as transições não fossem demasiadamente demoradas e não quebrassem o ritmo da aula. No entanto, na realização de matérias de cariz individual como Atletismo e Ginástica, entre outras, esta dinâmica de aula quebrou-se um pouco. Uma das soluções experimentadas em que obtive resultados positivos foi a de criação de tarefas simultâneas dividindo a turma por grupos, reduzindo assim o tempo de espera e consequentemente o tempo de empenhamento motor. Focava-me mais numa tarefa do que noutra, utilizando para isso o ensino por descoberta guiada, mantendo assim a motivação e interesse dos alunos na tarefa. Muitas das vezes utilizando multimatérias. Esta estratégia permitiu à turma desenvolver a sua responsabilidade e autonomia ao longo do ano letivo. Não só a estratégia contribuiu para isso mas também os momentos de instrução inicial nessas aulas, onde transmitia aos alunos a importância da sua capacidade de autonomia na sua avaliação e no seu sucesso na disciplina de Educação Física.

Sempre achei fundamental dominar todos os conteúdos de ensino e apresentá-los com uma linguagem simples, acessível, de forma eficaz e motivadora à sua realização, para que fosse mais fácil atingir o sucesso nesta longa caminhada.

Posso concluir que não existem fórmulas mágicas, pré-determinadas, para se atuar no ensino, sendo que não é possível aplicar toda a teoria na prática tal e qual como a aprendemos, mas sim transformar a teoria em função da prática.

3.1.4. AVALIAÇÃO

Para Bento (1987, p. 149), “conjuntamente com a planificação e realização do ensino, a análise e a avaliação são apresentadas como tarefas centrais de cada professor”. Assim, para além das tarefas de conceção, planificação e realização, o professor tem também que proceder à avaliação. É importante salientar que nenhuma destas por si só é dispensável e que todas acabam por estar interligadas e dependentes umas das outras. A avaliação “é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens” (Despacho Normativo nº 1 / 2005). A utilização das diferentes modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e sumativa, torna-se fundamental para a regulação do processo.

Tive necessidade de criar estratégias de avaliação, sobretudo na avaliação formativa, como a organização dos exercícios, de grupos, a duração das tarefas e a definição dos critérios de avaliação, que permitiram concretizar o grau de sucesso do aluno e fornecer concretamente, através da avaliação formativa, informação que permitisse ao aluno autorregular a sua aprendizagem. Nem sempre fácil de conseguir. Desta forma ia tomando consciência do seu grau de sucesso, de aprendizagem e ainda, no meu caso, reconhecendo de forma objetiva a evolução da competência motora dos alunos, consequente das minhas aulas. Em termos práticos, a avaliação passou por uma avaliação inicial (avaliação diagnóstica), avaliação aula a aula (avaliação formativa) e com término numa avaliação final (avaliação sumativa). Este foi o processo que utilizei para chegar ao produto. A avaliação diagnóstica, que contemplou as primeiras 3 semanas do início do ano letivo, foi realizada fazendo uma abordagem a todas as matérias nucleares que constam nos programas nacionais de Educação Física. Esta foi importante para com base nos resultados obtidos, planear de forma ajustada e contextualizada tendo em conta os níveis de desempenho dos alunos, todo o ano letivo. A avaliação formativa permitiu, de uma forma generalizada e indireta, verificar como os alunos estavam a assimilar os conteúdos, podendo retificar ou manter o previamente planeado. Por último, a

avaliação sumativa foi realizada no final de cada Unidade Didática, para fechar o ciclo de aprendizagem do aluno nessa mesma matéria.

Para a realização da avaliação foi importante a capacidade de observação e a capacidade de estabelecer comparações entre as prestações de cada aluno. Pessoalmente, foi uma fase que me trouxe algumas dificuldades tanto de planeamento como de realização. Por um lado, nas primeiras avaliações sumativas, tive dificuldade em estabelecer estratégias de como avaliar. Isto porque, para além da necessidade de ter que assegurar o controlo da turma, a gestão do tempo, do espaço e do material, entre outras funções, era sobretudo necessário dedicar algum tempo a observar individualmente os alunos e perceber se o que executavam estava de acordo com o critério de sucesso pré-estabelecido, para além de ser uma aula de consolidação de conteúdos. Este problema foi ultrapassado com a experiência adquirida após algumas sugestões dadas pelo professor Miguel Faria. A seleção de exercícios mais simples e que tornassem a observação mais fácil, juntando os alunos por grupos de nível foi uma das estratégias utilizadas para simplificar a observação dos alunos nas aulas de avaliação sumativa. No final de cada avaliação sumativa, em jeito de reflexão, tentei estabelecer comparações com os seus níveis iniciais e verificar se existiu alguma evolução nos seus desempenhos.

Na avaliação diagnóstica, conjugado com todos os fatores inerentes ao início do estágio, uma das dificuldades que senti foi a deteção do nível de desempenho de cada aluno, enquadrando-o nos critérios de êxito que constam nos programas nacionais de Educação Física, devido à quantidade de requisitos para cumprir. O receio de posteriormente planear exercícios enquadrados num nível inferior ou superior era um sentimento presente. No entanto, após a primeira semana essa dificuldade foi ultrapassada, com o decorrer das aulas, ganhando confiança através do maior conhecimento da turma e do seu comportamento.

Em relação à avaliação formativa, utilizei dois tipos desta avaliação. A avaliação formativa contínua e a avaliação formativa pontual. No que diz respeito à avaliação formativa contínua, recorri à utilização de uma grelha, registando, no final de cada aula, os comportamentos mais relevantes, quer positivos quer negativos de cada aluno. Estes comportamentos eram referentes a todos os domínios, ou seja, ao domínio das competências e conhecimentos, participação e empenho, atitudes e valores. Por outro lado, a meio de cada Unidade Didática (apenas nas que o número

de aulas assim o justificou) realizava uma avaliação formativa pontual. Para isso, recorria ao preenchimento de uma grelha onde constavam os gestos técnicos e conteúdos táticos abordados até então com os seus respetivos critérios de êxito. Através desta avaliação conseguia ter um *feedback* mais aprofundado dos conteúdos assimilados pelos alunos até então, podendo alterar a planificação das aulas seguintes, utilizando como uma ferramenta importante na tomada de decisão na tomada de decisões de ajustamento para a turma ou para o aluno. Complementando-se assim as duas avaliações formativas, tinha sempre presente a evolução da turma e de cada aluno.

A avaliação sumativa sempre foi a avaliação onde senti mais dificuldades porque não é fácil estar a dar a aula e estar atento ao desempenho dos alunos com a máxima atenção, para anotar numa grelha as informações, para além de fechar o ciclo de evolução de cada aluno em cada Unidade Didática. A necessidade de escolher os exercícios mais adequados que facilitassem a observação dos alunos, nunca perdendo de vista a gestão do tempo de aula, dos materiais, a qualidade e quantidade de *feedback*, entre outros, foi determinante no sucesso deste tipo de avaliação, o que por vezes não era fácil de conseguir. Normalmente a atitude dos alunos, sabendo estes que estavam perante uma aula de avaliação sumativa, mostravam-se mais empenhados, preocupados e interessados comparativamente às restantes aulas.

No final de cada período, ainda referente à avaliação, surge a classificação final de período, a qual se tornou uma tarefa ainda mais difícil, e que acabou, em determinadas situações ser um pouco injusta. Embora os critérios e as fórmulas para a atribuição das notas estarem previamente definidas, o facto de a escala ser de um a cinco, dava pouca margem para diferenciar alguns alunos de capacidades distintas, onde por vezes foi atribuído o mesmo nível. Neste caso é certamente mais pertinente e facilitador a utilização de uma escala maior, tal como acontece no ensino Secundário. Mas como tal não é possível, tive que me cingir à escala adotada no 3º ciclo e as notas de cada aluno ficavam decididas, após a minha sugestão, em reunião com o orientador. Uma das minhas dificuldades e preocupações passava por ser justo nesta atribuição de notas, esse compromisso sempre foi cumprido. Não existe uma turma em que não haja alunos insatisfeitos com a nota atribuída e a minha turma não foi exceção. Em conversa com esses

alunos foi fundamental explicar-lhes melhor os critérios de êxito, para que estes não perdessem a motivação nas aulas, incentivando-os à melhoria na sua prestação em todas as dimensões da aula. Na maioria dos alunos esta estratégia revelou-se muito eficaz, visto que não houve nenhum aluno que baixasse as notas entre períodos. Noutros, e através da sugestão do orientador, a subida em um nível na sua classificação no final do 2º período foi um facto capaz de os motivar para as aulas, traduzido num acréscimo no seu desempenho ao longo das restantes aulas do ao letivo, bem como noutros a penalização de um valor também os motivou e alertou para melhorarem no período seguinte

3.2. DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL

Neste capítulo será desenvolvido pormenorizadamente todos os aspetos que, de certa forma, contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional ao longo do desenrolar deste ano letivo, desta experiência de vida.

3.2.1. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

Inicialmente é importante fazer referência ao facto de que sem uma formação inicial, devidamente orientada para a prática da função da docência, era quase impossível a concretização do Estágio Pedagógico. A formação inicial toma assim uma importância extrema para que seja possível a execução com qualidade de todas as tarefas que estão inerentes à função do professor.

Todo o trabalho árduo desenvolvido em anos transatos de formação permitiu que todas as aprendizagens aí adquiridas pudessem transitar para esta fase final da minha formação como professor de Educação Física, bem como outras formações pessoais que fazem parte da nossa bagagem cultural. Contudo, estes conhecimentos adquiridos ao longo de toda a minha formação, não estariam tão consolidados como agora, depois de poder ter realizado o *transfer* para a sua execução prática. Como já referi anteriormente, para além de conseguirmos adquirir os conhecimentos, é importante também saber adaptá-los e transformá-los em função da realidade que encontramos no meio escolar e em concreto nas nossas turmas. Quero com isto dizer que muitas vezes o conhecimento teórico não basta para conseguir alcançar o sucesso no papel de professor. Assim, é necessário uma experiência enquadrada no contexto real, de forma a conseguirmos completar e solidificar todos os conhecimentos adquiridos na fase de formação inicial. Posso afirmar que toda a minha formação inicial me permitiu encarar o Estágio Pedagógico com mais ambição em busca do desafio do ensino e com mais confiança em mim mesmo, nas minhas capacidades para o desempenho da função.

Todos os conhecimentos adquiridos, desde os conhecimentos relativos ao currículo de Educação Física, da conceção, dos planeamentos contemplando as estratégias de organização e de abordagem de aulas e de Unidades Didáticas, realização, avaliação, entre outros, foram determinantes para atingir o sucesso na realização do Estágio Pedagógico. Não obstante, os conhecimentos em relação à Anatomia, Fisiologia, Psicologia, Controlo Motor, Aprendizagem, Biomecânica, Periodização, entre muitos outros, adquiridos ao longo da Licenciatura em Ciências do Desporto, foram a base sólida que permitiram um complemento e um enriquecimento nas minhas funções como professor.

Tendo em conta todas as características relacionadas com a função de professor de Educação Física é de todo pertinente afirmar que todo o trabalho desenvolvido à priori desta etapa constituiu uma base muito rica para que o processo de ensino-aprendizagem se pudesse realizar com êxito.

Em suma, posso dizer que a quantidade e qualidade da formação inicial está diretamente relacionada com o professor que somos. Todas essas características estão intrinsecamente ligadas, o sucesso só poderá ser obtido depois de um conhecimento profundo, refletido, acerca de todas as aprendizagens assimiladas e sobretudo de passá-las para a prática em situações reais.

3.2.2. APRENDIZAGENS REALIZADAS COMO ESTAGIÁRIO

Todas as aprendizagens realizadas no estágio que decorreu ao longo deste ano letivo envolvem um conjunto de reflexões, vivências, formações e investigações que vão ao encontro da criação de uma personagem de “ator principal” do ensino. Só o simples facto de ter vivido esta experiência gratificante contribuiu em grande parte para o meu enriquecimento enquanto profissional da educação.

Com o decorrer do ano letivo participei em ações de formação que foram uma mais-valia e que trouxeram um enriquecimento aos meus conhecimentos em determinadas áreas, como foi o caso de Patinagem, Dança, Basquetebol e Tag Rugby. A ação de formação de Basquetebol foi dirigida pelo professor orientador João Miguel Faria, e este, através de meios audiovisuais, fez uma apresentação ao

núcleo de estágio onde foram abordadas estratégias de implementação direta no processo de ensino-aprendizagem na escola. Nesta modalidade o professor apresenta um reportório de experiências mais vasto a nível de treino. A ação de formação de dança foi protagonizada pelo professor José Neves, professor este que se encontra inserido no Grupo Disciplinar de Educação Física na escola. Esta teve como função a transmissão de ideias de abordagem da dança na escola, não de uma forma tão “automática” de como é hábito ser realizada, mas sim seguindo a metodologia de Luís Xarez, onde a dança é constituída por frases de movimento que por sua vez se constroem a partir de gestos, saltos, quedas e rotações. Quando lecionei Dança utilizei nas minhas aulas os conhecimentos adquiridos nesta formação. A ação de formação de Patinagem foi ministrada pelo professor Daniel Santiago, também ele professor de Educação Física e treinador de Hóquei em Patins, esta formação com um cariz mais prático. Ao longo da formação, foram dadas as explicações das técnicas a ter em conta nesta matéria, complementadas com a execução das mesmas em contexto de sala de aula. Quanto ao Tag-Rugby, esta foi uma formação que surgiu no âmbito da Unidade Curricular de Projetos e Parcerias Educativas, como forma de preparação e formação dos elementos do núcleo de estágio para a atividade organizada na escola, intitulada de “Torneio de Tag-Rugby”. Foi divulgada e organizada pelo Instituto de Promoção Social de Bustos e decorreu no Colégio Frei Gil em Bustos sob a alçada do Professor Rui Luzio. Esta formação começou com uma primeira abordagem teórica, onde foram apresentados os conteúdos desta variante do Rugby, como regras, estratégias de abordagem, caracterização, entre outras. Para finalizar a parte teórica da ação de formação, os professores presentes formaram grupos de 4 elementos, e, através do recurso a um papel, registaram e expuseram duas problemáticas da abordagem do Tag-Rugby na escola. Após a exposição destes factos, deslocámo-nos para o pavilhão do Colégio e aqui, através da colaboração de alunos sob a orientação do professor Rui Luzio, foram encontradas algumas soluções para os problemas apresentados pelos professores presentes na formação. A participação nestas ações de formação, contribuiu para a evolução do meu espólio de conhecimentos e daí advém, naturalmente, a possibilidade de lecionar aulas mais ricas aos alunos, quer a nível de conteúdos, de estratégias ou tarefas de aprendizagem.

No decorrer do estágio, como já referi anteriormente, o controlo da turma foi sempre um grande desafio para mim, controlo esse que fui capaz de alcançar devido ao conhecimento cada vez maior das características da turma. De igual modo, apercebi-me que se tivesse a oportunidade de reiniciar os primeiros contactos com a turma tomaria outras decisões. Seria mais rigoroso no cumprimento das regras da aula e na punição de alguns comportamentos menos adequados que surgiram, teria criado os grupos de trabalho tendo em conta o comportamento espectável (como comecei a fazer já no decorrer do 2º período), considerando sempre outros aspetos. De um modo geral, optaria por assumir uma postura mais autoritária desde a primeira aula, fazendo entender aos alunos que a minha autoridade era soberana ao longo de toda a aula. Mas o clima de aula ao longo do ano letivo era considerado o melhor do núcleo de estágio.

Em relação à realização da árdua tarefa de ser professor, tenho hoje a plena noção que evoluí bastante. Posso dizer que inicialmente “reventava a bomba” e eu ia depois remediar os estragos e do meio ano letivo para a frente já bastava “ouvir rastilho da bomba “ para resolver a situação logo ali. Sempre tive em mente preocupar-me em demasia com todos os pormenores da aula, em todas as possíveis falhas, principalmente relacionadas com o cumprimento do tempo útil e do tempo de transição entre cada exercício, da transmissão correta de todos os critérios de êxito e componentes críticas, da tarefa árdua do controlo da turma e dos seus comportamentos, o que se revelou ser muito útil. Com o avançar do tempo neste estágio, posso afirmar que hoje sou um professor mais descontraído e mais ciente da realidade de uma aula de Educação Física, sem a menor dúvida. Quero com isto dizer que, sou capaz de na aula realizar decisões de ajustamento, tanto numa aula como numa Unidade Didática, em busca do sucesso dos objetivos e da real aprendizagem dos alunos. Posso então afirmar que a reflexão foi algo extensível a todas as Unidades Didáticas e a todo o meu percurso neste estágio. Através dela consegui encontrar estratégias com vista sempre à evolução, não só minha como também dos alunos. O fato de cada dia que passava ter um maior conhecimento da turma, das suas características foi fundamental para o sucesso do processo.

Comparativamente ao início deste Estágio Pedagógico e agora que esta experiência foi concluída, posso afirmar que a minha evolução nas quatro dimensões da condução do processo de ensino aprendizagem foi bastante notória.

Ao nível da dimensão instrução, com o decorrer do estágio, fui tendo a preocupação cada vez maior, em transmitir a informação, não só de uma forma adequada, respeitando as componentes críticas e critérios de êxito de cada situação, como também em ajustar e adaptar a linguagem específica da disciplina aos alunos. Uma das minhas grandes dificuldades estava no *feedback*. Na fase inicial do estágio, estes apareciam com pouca frequência. Os sentimentos de insegurança acabavam por dificultar a minha intervenção ao longo da aula nesta dimensão. Era notório para mim mesmo que os *feedback* individuais apareciam com muito mais frequência do que os *feedback* à turma, mesmo quando estes eram talvez os mais pertinentes para o momento em questão. Ao longo do tempo e através da experiência que adquiria com o decorrer das aulas, a sua frequência passou a ser cada vez maior e começavam a surgir com mais impacto, ocorrendo no momento oportuno. É de salientar a contribuição do professor orientador, visto que muitas das vezes foi este que me incitou à reflexão acerca do *feedback* e sua pertinência. A sua importância era extrema, não só para melhorar a aprendizagem dos alunos como também para demonstrar à turma a presença do professor. Ao longo do tempo registei uma grande melhoria na minha prestação nesta área. No decorrer do meio do primeiro período já era capaz de identificar erros e ajustar o respetivo *feedback* a cada aluno ou se necessário à turma. Também era notória a minha evolução em relação ao conseguir fechar o ciclo de *feedback* e quando estes ocorriam de uma forma espontânea, tendo em conta o próprio perfil do aluno e adequados aos erros cometidos. No entanto tenho a perfeita consciência de que ainda posso melhorar muito nesta dimensão, mas talvez, mais do que o conhecimento, a experiência na execução da tarefa de professor, seja a receita para o sucesso.

Ao nível da gestão, sempre foi, de certa forma, simples para mim cumprir com os tempos planeados no plano de aula. Para que tal fosse possível, sempre que planificava um exercício tinha em atenção o tempo que iria ser utilizado na instrução para o mesmo. Para que a gestão fosse feita da melhor forma, um planeamento correto era fundamental, tendo em conta as fases de transição entre cada exercício, minimizando-o ao máximo as perdas desnecessárias. Para isso utilizei estratégias, como por exemplo, colocar-me no centro do espaço de aula para que todos os alunos se encontrassem à mesma distância de mim. A criação de grupos na fase inicial de cada aula foi também uma estratégia com muito sucesso, visto que

minimizava muito os tempos de organização da turma para cada exercício. Tentava manter sempre os mesmos grupos para as tarefas da aula e, quando necessitava de aumentar esse grupo apenas teria que juntar outro grupo a esse mesmo. Para isso o planejamento foi minucioso na divisão dos alunos por cada grupo e na seleção de tarefas. Apesar de, desde o início do ano letivo, esta não ter sido uma dimensão que requeresse muito aperfeiçoamento, posso com toda a certeza afirmar que houve sempre aspetos a melhorar, com vista não só à minha evolução profissional como também à melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

3.2.3. CONCLUSÕES REFERENTES À EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO

Para a minha evolução como professor foi imprescindível refletir acerca de todo o meu percurso e ações, mas por outro lado também foi precioso observar e refletir sobre os atos dos outros professores. A observação e análise acompanharam-me sempre ao longo deste ano letivo, com especial incidência nas reflexões e observações efetuadas nas aulas dos meus colegas de estágio.

A importância de observar novas estratégias, a deteção de alguns erros ou alternativas para lidar com algumas situações criam espaço à discussão e à reflexão, o que ajuda a desenvolver o nosso estado crítico e consciência de abertura a novas propostas, tendo em vista a melhoria das nossas aulas.

É aqui que a função da supervisão da prática pedagógica se torna imprescindível. A reflexão acerca do meu trabalho de estagiário teve como base todo o conhecimento que me foi transmitido pelo orientador de estágio através das suas sugestões, críticas construtivas e experiência nesta função. Assim, esta reflexão permitiu-me ajustar e evoluir na atuação enquanto professor.

As reuniões às quartas-feiras, entre o orientador e o núcleo de estágio, onde se debatiam todo o tipo de questões relacionadas com o estágio e, por conseguinte, relacionadas com a profissão docente, e as reuniões, mesmo que esporádicas, com o orientador da faculdade, serviram para termos a perceção de todas as funções patentes na atividade de um professor, conhecer a realidade “nua e crua”.

Muitas das vezes, mesmo de um modo informal em simples conversas entre alguns dos professores da escola, era possível aprender algo de novo através da partilha de experiências. Aconteceram tantas conversas proveitosas no bar da escola nos intervalos que se tornou um hábito esta prática.

São inúmeras as alterações que ocorrem desde o início até ao fim de um estágio. Mudança não só no modo de atuar, de ensinar, nos erros que cometia, nas dúvidas e nos receios que tinha, mas também no modo como lido com todos os agentes, como organizo a minha planificação e como organizo o meu processo de ensino. No fundo, aprendi a encarar uma aula de um outro modo, ou seja, através da aprendizagem de pormenores que podem fazer a diferença entre o sucesso e o insucesso de uma aula, mas sem me prender só alguns.

A experiência de vida que me proporcionou o estágio fez-me tirar algumas conclusões pertinentes. Em primeiro lugar em relação às funções de um professor. Este não se limita a lecionar tendo outras funções, como por exemplo, de lidar com diferentes tipos de patologias e tentar incluir todos os alunos na mesma aula, implementar meios e estratégias para conseguir motivar alunos com índices baixos de interesse e empenho nas aulas, entre outras. Outra das conclusões está relacionada com o controlo da turma e estabelecimento de regras e rotinas. Este aspeto é fundamental desde o primeiro contacto com a turma. Independentemente das características dos alunos que a constituem, o professor deverá fazer cumprir as regras e as rotinas por si estipuladas e informar os alunos de quais os objetivos a cumprir, para que haja um controlo da turma desde o primeiro dia de aulas. Por último, a plasticidade da planificação é outra das minhas conclusões retiradas da experiência deste estágio. Existem diversos planeamentos que o professor deverá elaborar o longo do ano letivo e estes não se constituem como algo independente e rígido. São sim, elaborados com base nos anteriores e resultam numa linha orientadora de todo o processo. Contudo, nenhum dos planeamentos deverá ser visualizado como algo terminado ou inalterável. Estes devem ser, sempre que necessário e oportuno, ajustados ao contexto e à situação, melhorando assim a qualidade de ensino do professor e conseqüentemente a aprendizagem dos alunos.

As minhas conclusões referentes à minha experiência neste estágio só foram possíveis depois de poder “sentir na pele”, de estar no papel de professor, poder passar por todas as dificuldades que lhe estão inerentes nesta árdua e trabalhosa

tarefa de ensinar, muitas das vezes a quem não quer aprender. Muitas das vezes aplicar no terreno aquilo que se aprende na teoria não é suficiente para ter sucesso pois existem inúmeras variáveis que podem afetar o trabalho de um professor que, assim, não pode ser entendido como um trabalho estandardizado.

Para terminar, sinto que depois desta experiência de estágio as minhas competências como professor foram muito desenvolvidas e permitem-me assim encarar o futuro de uma forma mais consciente. Os ensinamentos que deste advêm são de uma extrema relevância e utilidade, que fazem de mim um profissional bastante diferente do que quando iniciei este processo.

3.2.4.1. IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO

O trabalho individual e de grupo adquirem uma grande importância no que diz respeito à nossa formação como professores.

Todas as tarefas obrigatórias a realizar ao longo do ano letivo que couberam ao núcleo de estágio foram realizadas através de uma reunião de esforços para alcançar as metas traçadas, mesmo com a disponibilidade de alguns estagiários não ser a maior. Com dois estagiários trabalhadores estudantes, tornava-se mais difícil o trabalho de grupo presencial, mas sem ser presencial, o trabalho era realizado. Aqui, o trabalho de grupo, a cooperação e a ajuda mútua foram fatores decisivos para a conquista do sucesso. Saliento o excelente relacionamento entre todo o núcleo de estágio.

Numa vertente de desenvolvimento e evolução pessoal, tenho a dizer que todas as opiniões, críticas e sugestões colocadas entre os elementos do núcleo de estágio contribuíram, de certa forma, para o meu crescimento como professor. Foi deveras importante por vezes debater acerca da melhor estratégia a utilizar, das decisões de ajustamento, dos estilos de ensino, entre outros, na medida em que, através da cooperação e colaboração do orientador, nos permitiu alargar o nosso repertório de conhecimentos. Com o decorrer das primeiras semanas e com a interação diária com os meus colegas foi possível desenvolver um relacionamento

de amizade e de confiança com estes. Assim, a importância deste trabalho de grupo teve um impacto vasto na melhoria das minhas características e principalmente um contributo muito positivo nas minhas aulas nesta experiência de estágio.

Este trabalho de grupo foi sendo incentivado, desde o início do estágio pelo professor orientador. A importância dada por este a este trabalho era muito grande visto que a reflexão de um grupo é mais rica em termos de conclusões do que propriamente a reflexão individual. Mesmo quando não o fazíamos na escola, o conselho era para o fazermos em casa. Tudo o que era realizado ao longo das aulas era posteriormente alvo de uma análise detalhada por parte de cada elemento do núcleo de estágio e do professor orientador.

Não obstante, o trabalho individual é também algo que contribuiu bastante, ao longo da experiência do estágio, para o meu desenvolvimento. Este trabalho, realizado ao longo de todo o ano letivo, tinha como principal alvo a melhoria, ao máximo, da qualidade de ensino transmitido à minha turma. Este trabalho alargou-se a tudo aquilo que estava diretamente relacionado com o processo de ensino-aprendizagem. Todo o trabalho, desde o estudo aprofundado de cada matéria, as estratégias a utilizar nas aulas, o planeamento consoante as exigências, necessidades e características dos alunos, a escolha dos estilos de ensino mais adequados a cada situação e organização, entre muitos outros, foram alvo de uma pesquisa e reflexão ao longo de todo o ano letivo. A contribuição de todos os documentos de reflexão (aulas, Unidades Didáticas, Períodos, ano letivo) foi parte de um grande contributo na melhoria da qualidade do ensino que protagonizei à minha turma. Valorizar o processo e não só o produto.

Seria injusto quantificar os dois tipos de trabalho e, sendo assim, na minha opinião, não é possível concluir qual deles tem uma importância maior ao longo do estágio, sendo que a presença qualitativa do trabalho de grupo e do trabalho individual é o melhor ajuste existente para alcançar o sucesso neste processo.

3.2.4.2.

NECESSIDADES DE FORMAÇÕES CONTÍNUAS

Após todos estes meses de trabalho árduo e desgastante, posso com toda a certeza concluir que, o sucesso depois de alcançado, deve constituir-se como um ponto de partida para outros caminhos e não como um ponto final. Significa isto que a formação deve ter um carácter contínuo de forma a não ficarmos apenas “retidos” àquilo que já conseguimos alcançar mas é fundamental sairmos da nossa zona de conforto. Sendo assim, a necessidade de formações contínuas toma um papel providencial na renovação e continuação do processo de aquisição de conhecimentos.

Face à mudança constante do processo de ensino-aprendizagem, é crucial uma formação contínua por parte do professor, diria mais, uma formação eterna. Assim, a qualidade e quantidade dos seus saberes estão diretamente relacionados com a necessidade de renovar e adquirir novos conhecimentos. Por vezes, o maior erro está na consciência de que a formação foi findada com o culminar dos estudos académicos, essa será sem dúvida uma ideia errada e um exemplo do que não se deve, de forma alguma, ter como padrão. O profissional que não tenha a iniciativa de se questionar acerca dos seus conhecimentos e de aprender mais, não será com toda a certeza um bom profissional.

Assim, este processo de continuidade da formação é essencial para se manter uma qualidade de ensino uniforme ao longo dos anos. A necessidade do professor se manter atualizado perante a realidade que se tende a modificar ao longo dos anos no processo de ensino-aprendizagem, é uma tarefa que apenas cabe a si próprio e só através dela poderá obter o sucesso. Qualquer professor, tendo poucos ou muitos anos de experiência na sua função de pedagogo, terá que se afirmar como um estudante em busca de novos conhecimentos, um eterno estudante. No entanto, a aquisição e renovação dos conhecimentos não basta para existir evolução, é necessário uma aplicação desses mesmos conhecimentos e uma posterior reflexão dos resultados obtidos para ser possível ajustá-los consoante o “público” a que estes mesmos se destinam, ou seja, é necessário todos os professores adaptem de forma “elástica” tudo aquilo que sabem a novos desafios.

A formação contínua do professor torna-se então num processo de aumento de capacidades, através das quais este poderá utilizar novas potencialidades de intervenção, sendo assim esta é uma ferramenta fundamental para a evolução natural na sua função.

4. APROFUNDAMENTO DO TEMA – A SURDEZ PROFUNDA

A pertinência da abordagem a este tema está relacionada com a presença, como já tive a oportunidade de referenciar, de um aluno com esta patologia na turma à qual lecionei ao longo deste ano letivo. Assim, lidar com este aluno e com todas as características que lhe estão inerentes face à sua patologia, foi um dos vários problemas que enfrentei ao longo dos três períodos e que de certa forma tentei ultrapassar e resolver da melhor forma possível. Este é então um tema pertinente na medida em que pode influenciar muito a eficácia do processo de ensino-aprendizagem. É então o meu objetivo expor algumas ideias, características, causas e algumas soluções e simultaneamente relacioná-las com o que sucedeu ao longo das minhas aulas, apontando as dificuldades e algumas estratégias utilizadas para lidar com este problema.

Este estudo terá o intuito de conhecer este aluno, procurando conhecer os fatores psicológicos, sociais e familiares que enquadram a vida do aluno e a sua interdependência nas tarefas da turma, principalmente nas aulas de Educação Física.

Procurarei objetivamente numa primeira fase fazer uma pesquisa exaustiva sobre esta temática em conjunto com o conhecimento do seu processo, conhecendo assim as suas particularidades.

Posteriormente, irei organizar um conjunto de estratégias, para uma melhor inclusão deste aluno nas tarefas da turma, tentando atingir resultados de progressão e evolução na disciplina de educação física. Certamente se tais objetivos forem atingidos espera-se um aumento positivo, no que à integração e sobretudo à inclusão, na realização de tarefas na aula de educação física diz respeito.

Este tipo de trabalho poderá ser extremamente útil, para mim enquanto professor deste aluno, e também para o próprio aluno, pois assume-se como uma possível ajuda, na compreensão, interação e antecipação de situações que possam advir na lecionação das aulas de educação física.

Objetivos gerais

Caracterização do aluno no domínio sócio – afetivo, sócio – económico, escolar e desportivo, no intuito de me ajudar a melhorar a intervenção pedagógica no processo de ensino – aprendizagem.

Objetivos específicos

- Conhecimento biográfico do aluno:
- Caracterização do seu agregado familiar: n.º de pessoas que o compõem, idades, profissões e habilitações literárias;
- Caracterização do percurso escolar do aluno;
- Caracterização dos tempos livres;
- Caracterização das matérias preferidas e as com mais dificuldade, pelo aluno na disciplina de educação física;
- Conhecimento dos principais sintomas indicados pelo aluno;
- Perceber e analisar criticamente a forma como o aluno terá que ser avaliado à disciplina de educação física, principalmente nas matérias que apresentar mais limitações.

O professor tem ao longo da sua carreira profissional, um enorme conjunto de competências a cumprir, no entanto creio que a mais importante e simultaneamente mais complicada, será a de ir de encontro das necessidades dos alunos.

Como, cada pessoa é única, então cada professor deve procurar conhecer os seus alunos individualmente de forma a adotar a melhor estratégia para cada aluno.

Por outro lado, é bom que o professor tenha consciência de que ao interagir com os alunos, independentemente da disciplina, assume-se como um agente importante para a sua educação. Isto não só aquando da interação na sala de aula, mas também fora dela, através do seu exemplo, da sua maneira de ser e de estar, da forma como comunica e se relaciona, entre outras.

Na escola, todos os seus órgãos em geral, e os professores da turma, em particular, tem elevadas responsabilidades na promoção da integração escolar dos alunos, na criação de condições para o desenvolvimento pessoal e social e na intensificação das relações da escola com o meio. Igualmente, através de um conhecimento mais aprofundado do problema real deste aluno (pertencente à turma A do 9.º ano de escolaridade), este trabalho poderá futuramente ser útil ao Diretor de Turma e a todos os outros professores, como instrumento auxiliar da sua intervenção pedagógica, no estabelecimento de estratégias individuais e coletivas que contribuam para melhorar e apropriar o processo de Ensino – Aprendizagem da mesma.

Como todos os alunos são diferentes em relação aos seus hábitos, comportamentos, reações, maneiras de agir, etc., o professor deve procurar conhecer os seus alunos, o mais profundamente possível, de forma a vencer barreiras, adotando as melhores estratégias e adequando os objetivos, de acordo com as suas características.

É neste âmbito que surge este estudo, contribuindo para o conhecimento do aluno em causa, retratando as suas particularidades, dificuldades e relações existentes com todos os elementos intervenientes na aula de Educação Física.

Em suma, este estudo justifica-se, visto abranger no seu conteúdo, diversas áreas, entre as quais se incluem as referidas ao longo deste projeto, que possibilitarão uma melhoria do processo ensino – aprendizagem, para este aluno no âmbito da Educação Física, avaliando e criando estratégias para que a atividade física corretamente implementada seja um contributo positivo para ultrapassar as dificuldades existentes.

Métodos e Instrumentos utilizados

Para a realização deste trabalho, utilizou-se vários métodos e instrumentos, os quais: uma ficha biográfica, documentos de apoio sobre o percurso escolar do aluno até ao momento, relatórios de avaliação e diversas pesquisas bibliográficas.

Relativamente aos instrumentos utilizados, neste caso a ficha biográfica, esta foi elaborada pelo Núcleo de Estágio de Educação Física, e inclui, a Identificação do Aluno; Encarregado de Educação; Agregado Familiar; Personalidade /Interesses Pessoais; Meio Familiar; Habitação; Vida Escolar; Hábitos Alimentares; Fisiologia e Saúde; Educação Física; Hábitos Desportivos do Próprio e do Agregado Familiar.

No que diz respeito, aos documentos de apoio sobre o percurso escolar do aluno até então, estes foram fornecidos pela Professora Auxiliar de Apoio Educativo e pela Diretora de Turma. Quanto aos relatórios de avaliação, foram efetuados pelos professores da turma e entregues ao Diretor de Turma no final de cada avaliação, ou no final de cada período.

Recolha de Dados

Os dados para a concretização do estudo, serão recolhidos durante o 1º, 2º e 3º período deste ano letivo, diretamente junto do aluno, ou através do diretor de turma, que tem acesso ao seu processo educativo individual (PEI). Caso seja necessário, será pedida alguma informação adicional ao agregado familiar ou aos profissionais que acompanham e ajudam o aluno (médico, psicóloga, etc).

Segundo Warnock Report (1988), Necessidades Educativas Especiais (NEE) são aquelas que exigem: a construção de meios especiais de acesso ao currículo através da utilização de equipamento especial, facilidades ou recursos, modificações do envolvimento físico ou técnicas de ensino especializado; a elaboração de um currículo especial ou modificado; atenções especiais no que diz respeito à estrutura social e ao clima emocional em que decorre o processo educativo.

Para Brennan (1985), “uma NEE existe quando qualquer incapacidade, seja ela física, sensorial, intelectual, emocional ou social afete o processo de aprendizagem, de tal forma que um ou todos os meios de acesso ao currículo, isto é, as condições adaptadas de aprendizagem se tornam necessárias para que o aluno possa ser submetido a um processo educativo adequado e eficaz.”

O aluno apresenta um problema grave de audição (tem um implante coclear) denominado por surdez neurosensorial bilateral profunda.

Perante este problema torna-se pertinente efetuar o estudo, de forma a analisar as suas dificuldades e encontrar as melhores estratégias para combater as suas limitações e anseios.

A Surdez Infantil Bilateral Permanente/Profunda é definida como uma perda auditiva bilateral, caracterizada por limiares auditivos superiores a 40 Decibéis (dB) no melhor ouvido, considerando as frequências de 500, 1000, 2000 e 4000 Hz, sem recurso a prótese auditiva. Pode ser classificada quanto ao seu grau, à data do seu aparecimento e ao nível da lesão auditiva.

A Surdez de Percepção ou Neurosensorial deve-se a lesão coclear ou retro coclear e está associada a uma distorção dificilmente compensável da sensação auditiva. Consequentemente, constitui uma causa mais frequente de surdez profunda, sendo necessária uma readaptação específica, de cuja precocidade depende o sucesso da atuação terapêutica. Este tipo de hipoacusia é habitualmente subdividida em genética e não-genética. As situações de causa genética são responsáveis por um terço a metade dos casos e, de acordo com a data de aparecimento, podem ser congénitas (pré-natais) ou pós-natais. Por outro lado, as situações de causa não genética compreendem as pré-natais, perinatais e pós-natais. Existem ainda 2 a 30% de situações em que não é possível classificar a surdez de percepção em nenhuma das categorias expostas, sendo então denominadas de Surdez Neurosensorial de Etiologia Desconhecida.

O aluno nasceu prematuro com 29 semanas e 1300 gramas de peso corporal. A Surdez Neurosensorial Bilateral Profunda foi confirmada tardiamente aos 3 anos de idade, tendo sido uma barreira no processo de aquisição da linguagem. A intervenção cirúrgica para colocação de um implante coclear foi realizada quando o aluno tinha 4 anos de idade.

O aluno sempre se revelou assíduo e pontual nas aulas, acatando e respeitando as ordens e regras definidas quer dentro da sala de aula quer fora. É cumpridor das propostas de trabalho.

Traz sempre o material necessário para as aulas, realiza normalmente as tarefas propostas para casa e demonstra hábitos de trabalho.

É um aluno muito simpático, afável, bem-disposto, educado e revela muito boa relação com os professores e colegas.

Revela algumas dificuldades de atenção/concentração.

Embora possua alguns conhecimentos/competências nas várias disciplinas, tem dificuldade em os selecionar, organizar e aplicar, o que justifica, muitas das vezes, a necessidade de mais tempo para organizar as suas ideias.

Quanto à expressão oral, apresenta também dificuldades, tendo um discurso essencialmente baseado naquilo que memoriza e não tanto na compreensão dos conhecimentos.

No que concerne à expressão escrita, dá poucos erros ortográficos, mas manifesta dificuldades ao nível da construção frásica e encadeamento lógico de ideias.

Estratégias e recomendações

Apoio individualizado na sala de aula;

Sentar o aluno na 2ª ou 3ª fila a contar da janela e na 1ª junto ao quadro;

Escrever com letra bem legível e com o máximo de contraste;

Separar muito bem as palavras e as linhas;

Ler sempre em voz alta o que se escreve no quadro e procurar saber se o aluno acompanhou e mantém o contacto visual (visto que o aluno consegue “ler os lábios”);

Certificar se o aluno vê e interpreta gráficos/quadros/mapas quando colocados em provas de avaliação ou outros documentos;

Valorizar o desempenho e o esforço evidenciados;

Respeitar o ritmo de trabalho (se necessário, dar mais tempo para a concretização das tarefas mais complexas);

Nos conteúdos curriculares mais abstratos dividir as tarefas mais complexas em pequenas unidades, fornecer feedback e orientações frequentes dirigidas ao aluno;

Ajudar o aluno a organizar-se, a lembrar-se dos seus compromissos e a programar o seu trabalho;

Praticar uma pedagogia assente no incentivo, na estimulação da confiança em si própria, na promoção da autoestima e na verbalização de expectativas positivas;

Fornecer os objetivos da disciplina no início de cada unidade didática;

Antes da realização dos testes, fornecer guiões de estudo com palavras-chave e conceitos;

Ler as questões das provas de avaliação antes de as começar a fazer;

Durante os testes, os professores deverão certificar-se se o aluno está a refletir sobre os mesmos, evitando (chamar a atenção) que esteja distraído;

Dar orientações individuais durante a realização das fichas/provas de avaliação.

Perante um erro evidente, o professor deve chamar a atenção do aluno no sentido de o mesmo proceder a uma reflexão mais atenta;

Fornecer organizadores de apoio (tópicos, apontamentos, esquemas, etc.);

Dar orientações orais, claras, curtas e diretas enriquecendo-as com orientações escritas, sempre que necessário, para que as atividades possam ser executadas com o máximo de sucesso possível;

Procurar explicar os conteúdos mais complicados com maior frequência, realçando os pontos mais importantes. Se necessário dar informações escritas ou linhas gerais sobre esses mesmos conteúdos;

No que respeita a orientações para executar tarefas individuais, dar uma explicação de cada vez, fornecer exemplos e especificar os passos necessários para terminar as tarefas e ainda faseá-las para que o aluno possa terminar cada uma das fases antes de passar para as seguintes. É aconselhável que as tarefas não envolvam muitos passos e que o aluno repita ao professor as instruções recebidas ou que este se certifique que o aluno as compreendeu.

Inicialmente, serão adotadas as medidas propostas anteriormente, e logo veremos como o aluno reagirá.

A turma é constituída por 12 raparigas e 8 rapazes. É heterogénea no que se refere à idade, uma vez que esta varia entre os 14 e os 16 anos.

Os alunos são oriundos de várias localidades do concelho da Mealhada, geralmente afastadas do centro de cidade.

Todos os alunos já frequentavam esta mesma escola no ano anterior, não há alunos repetentes nesta turma neste ano.

Relativamente ao comportamento/atitude da turma em relação ao aluno em causa, aceitaram o aluno desde logo e sempre se propuseram a auxiliá-lo no que fosse necessário. É uma turma bastante unida e sem comportamentos desviantes assinaláveis.

Justificação das notas atribuídas e Estratégias Adotadas

Relativamente às classificações atribuídas ao aluno em causa, estas têm em conta: o empenhamento e o esforço do aluno; o facto dos conteúdos de algumas disciplinas, nesta fase inicial do ano letivo serem mais acessíveis.

No que diz respeito às estratégias adotadas, na maioria das disciplinas, aquando da realização dos testes, o aluno teve sempre um acompanhamento do respetivo professor, de modo a ajudar o aluno a refletir, a corrigir e/ou melhorar a resposta que dava a cada questão. Assim, o Conselho de Turma decidiu continuar a adotar as condições especiais de avaliação, art. 8, alínea f), traduzidas em tolerância de tempo para realizar as provas escritas, ou provas reduzidas; testes adaptados com questões mais simples e diretas. Para além destas medidas, deve-se dar continuidade ao fornecimento de material escrito de apoio e, na ajuda do aluno na reflexão das respostas de cada questão.

Penso que os objetivos inicialmente propostos foram alcançados, sendo agora necessário potenciar os pontos positivos diagnosticados e estabelecer as estratégias, que possam permitir ultrapassar os problemas que possam surgir.

Esta caracterização permitiu um conhecimento mais aprofundado do aluno, ajudando a melhorar a intervenção pedagógica dos professores, indo de encontro às necessidades do aluno.

Como o aluno consegue “ler nos lábios”, desde que o professor se certifique que o aluno esteja em contacto visual, o processo ensino-aprendizagem desenrola-se muito mais facilmente e os resultados são francamente satisfatórios.

É muito importante que o professor conheça o aluno, não só na escola / aula, mas também fora dela, quer no seu ambiente familiar, quer nos tempos livres, para poder adotar medidas e estratégias individualizadas, sempre com o intuito de ir ao encontro das necessidades específicas do aluno.

5. CONCLUSÃO E PERSPETIVAS FUTURAS

Chegou ao fim o ano letivo e, com ele, terminou também esta longa caminhada no âmbito do processo do Estágio Pedagógico. Fantástica experiência de vida. A dedicação e o empenho resultaram em muito tempo de trabalho, sempre com a finalidade de melhorar de dia para dia a minha prestação e capacidades enquanto professor de Educação Física, sempre com o compromisso de seriedade para com a turma.

Não restam dúvidas que este foi um ano extremamente desgastante e trabalhoso, na medida em que todos os dias existiam tarefas a realizar e a cumprir escrupulosamente, e como trabalhador estudante por vezes era muito complicado. No entanto, tudo isso foi sendo ultrapassado com o crescimento que esta experiência me proporcionou. Cada aula, reflexão, observação, formação ou documento elaborado era um pequeno passo no longo caminho do meu desenvolvimento quer a nível profissional quer pessoal.

Foi um trabalho muito enriquecedor para mim, na medida em que me foi possível partilhar todos os meus conhecimentos com a minha turma, criando uma relação de proximidade com todos. Por vezes a receptividade da turma não foi a melhor, mas mesmo assim, este foi um fator que me permitiu evoluir ainda mais e estar ciente da diversidade de alunos que podem existir na mesma turma. Por isso, para além de ensinar, confesso que também aprendi imenso na relação que

constantemente tentava estabelecer com os alunos e consegui que fosse uma relação de respeito pelas hierarquias, “manda quem pode obedece quem deve”.

A partilha de experiências foi outro ponto de destaque no meu processo de desenvolvimento enquanto professor. Durante este ano letivo, tive a oportunidade de absorver muitos conhecimentos com o(s) orientador(es) e colegas de estágio. As reuniões que decorreram com estes foram sem dúvida momentos ricos, na medida em que me iam dotando de mais ferramentas para poder resolver os problemas que apareciam ao longo do estágio e também aqueles que futuramente possam vir a aparecer nesta profissão. Para além disso, a troca e partilha de ideias com os meus colegas do núcleo de estágio e com outros professores da escola, traduziram-se igualmente num complemento para a minha formação e sucesso em todo este processo. Assim, toda esta experiência se tornou num momento importante no meu crescimento como profissional.

Ao nível das perspetivas para o futuro, e estando ciente das dificuldades e dos momentos complexos presentes no sistema de ensino no nosso país, é certo que irei encontrar muitas dificuldades em colocar em prática num futuro próximo tudo aquilo que construí e que aprendi ao longo deste ano letivo. No entanto, e tendo em conta todo o trabalho que tive que realizar e as dificuldades que me vi obrigado a solucionar, decididamente é uma aposta de futuro para mim. Apesar de já há três anos letivos estar envolvido na leção de Atividade Física e Desportiva no âmbito das Atividades de Enriquecimento Curricular no 1º ciclo, a passagem para o patamar do 2º, 3º ciclo e secundário seria sem dúvida um motivo de grande alegria para mim, tendo em conta que a leção a estes ciclos de escolaridade comparativamente com o 1º ciclo, são realidades bem diferentes.

BIBLIOGRAFIA

- Barkley R. (2002). *Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) – guia completo e autorizado para pais, professores e profissionais de saúde*. Porto Alegre: Artmed.
- Bento, J. O. (1987). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Caires, S., & Almeida, L. (2000). Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: tópicos para um debate em aberto. *Revista Portuguesa de Educação*. 219, 221, 222.
- Davies, D. & Marques, R. (1993). *Os professores e as famílias*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Fernandes, J. B. A criança com Défice de Atenção e/ou Hiperatividade: Modificações na sala de aulas. Hospital Pediátrico de Coimbra.
- Gonçalves, E., & Carvalho, G. (2009). *A abordagem da Saúde nos programas de Educação Física ao longo do Ensino Básico e Secundário e perspectiva de professores*.
- Lopes, J. (2004). *A Hiperatividade*. Coimbra: Quarteto.
- Maia, C., Verejão, C. *Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção: Um guia para professores*.

- Mosston, M. (1988). *La Enseñanza de la Educacion Física* (Second ed.): ediciones Paidos.
- Mosston, M., & Ashworth, S. (1986). *Teaching Physical Education* (Third ed.): Merrill Publishing Company.
- Ramos, V., Graça, A., & Nascimento, J. (2008). O conhecimento pedagógico do conteúdo: estrutura e implicações à formação em Educação Física. 22, 161-171.
- Rief, S. (1988). *The ADD/ADHD Checklist: an easy reference for parents and teachers*. Nova Iorque: Prentice Hall.
- Vásquez, I. C., et al. (1993). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa: Dinalivro.

REFERÊNCIAS NORMATIVAS

- Ministério da Educação (2005). Despacho Normativo nº1/2005 de 5 de Janeiro. Diário da República, I SÉRIE – B, Nº3, 71.